

POR EDUCAÇÃO E COMPLEXIDADES CIBRE CULTURAIS

Alexandre Luiz Polizel¹
Fabiana Gomes²
Moises Alves de Oliveira³

O presente dossiê, intitulado ***Ciberculturas, Educações e Complexidades***, emerge das discussões que as tecnologias de informação e comunicação têm movimentado sobre as educações e suas complexidades na duração histórica. As relações com os espaços, os tempos e as articulações culturais têm deslocado as experiencialidades e os modos de constituição de saberes, aprendizagens e existências. Com o advento da internet e das redes sociais, essas relações nos levam a pensar um modo outro de produção cultural: as ciberculturas.

A ligação desse panorama com as temáticas culturais e educacionais nos levou a lançar o convite e a chamada de textos para a composição do novo Dossiê Koan, organizado, nessa edição, pelos Professores: Alexandre Luiz Polizel, do Departamento de Humanidades (UTFPR – Campo Mourão) e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina; Fabiana Gomes, do Instituto Federal de Goiás (Uruaçu); e Moisés Alves de Oliveira, do Departamento de Química da Universidade Estadual de Londrina. Coordenadores que têm se dedicado, entre outras atribuições, aos Estudos Culturais das Ciências e Educações, bem como das pedagogias culturais, educações menores e filosofias das diferenças.

Proliferam-se nas ciberculturas os espaços de (im)possíveis experiencialidades, proliferam-se laboratórios nas virtualidades, e com eles suas experimentações e educações. Neste sentido, este dossiê se propõe a

¹ Professor no Departamento Acadêmico de Humanidades da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Campo Mourão. Doutorando e mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Licenciado em Ciências Biológicas (UEM) e Filosofia (UNAR). E-mail: alexandre_polizel@hotmail.com

² Professora no Instituto Federal de Goiás, campus Uruaçu. Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail:

³ Professor no Departamento de Química da Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educações. E-mail: Moises@uel.br

instauração de um espaço de diálogos, debates e divulgações de trabalhos científicos no entorno das temáticas acerca das Educações e complexidades nas ciberculturas. Este teve por intuito o recebimento de artigos científicos, análises de mídias, resenhas críticas, entrevistas, dentre outras produções intelectuais, com buscas às perspectivas teórico-analíticas alinhadas: às Educações e Complexidades; aos Estudos Culturais das Ciências e das Educações; à Filosofia da Diferença; às Teorias (pós)Críticas e a indústria cultural; aos Estudos Decoloniais; às Pedagogias Culturais; aos Estudos Multiculturais; às Netnografias; dentre outros olhares alinhados às educações e seus efeitos éticos, estéticos, políticos, econômicos, pedagógicos, sociais e culturais – e suas complexidades.

Com isso, o pensar as educações e suas complexidades em meio as ciberculturas arrasta o pensar às pedagogias culturais desenvolvidas nestes espaços de relações, suas produções de tecnologias de sentido e de dominação, bem como suas valorativas e subjetividades em produção.

O pesquisador em semiótica discursiva pela Universidade de Araraquara (UNIARA), **Everton Luis Paulino Vinha**, em seu artigo *Rita Von Hunty e o ciberespaço: heterotopia dos discursos desviantes do saber*, propõe pensarmos o canal no YouTube *Temporo Drag* como um “lugar de desvio heterotópico virtual”, onde discursos frequentemente tabulizados e banidos pela escola podem ser difundidos. Temas como consciência de classe, a sociabilidade, o consumo e a narração do eu pelo eu; recebem uma análise embasada nas teorias de discurso e de heterotopia de Michel Foucault e de artefatos culturais, de Michel Certeau.

Alexandre Luiz Polizel, pesquisador e doutorando do Programa em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL); juntamente a **Moises Alves de Oliveira** (UEL), também se interessaram pelo ciberespaço para responder à questão de como os corpos se constituem na virtualidade. Para tal, analisou um conjunto de combinações e possibilidades de imagens de um grupo social localizado na plataforma Facebook. A tecnologia da hipertextualidade lhe foi central nas discussões de

seu texto como um convite a vermos os corpos descentralizados, e, portanto, proliferados em múltiplos espaços e com possibilidades diversas de articulações e conexões.

No entanto, não sejamos ingênuos em pensar apenas o ciberespaço como lugar de fuga para discursos empoderados. O doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), **Rodrigo Pedro Casteleira**, em seu artigo *Educação, Cibermundo e Afetos: perspectivas para pensar a negritude como caça*, entrecruza esses três termos a partir de casos de racismo propagados pelas mídias, a exemplo, o da vereadora Marielle Franco. Utilizando-se da análise de conteúdo de Bardin e de propostas decolonialistas, o autor sinaliza que o ciberespaço é lugar de monstrificação de personagens negros e também ativistas, atos esses, impulsionados por afecções de ódio e de morte, capaz de calibrar uma forma de pensamento coletivo.

O biólogo **Adalberto Ferdnando Inocêncio** e a química **Bruna Adriane Fary** trazem análises interessantes de episódios da série televisiva *Black Mirror* traçando um paralelo entre as problemáticas que hoje nos acometem em relação ao uso e domínio dos dispositivos de captura, como o que pode vir a nos acometer no futuro. De acordo com os pós-graduados em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL), os efeitos das tecnociências nos sujeitos oscila entre o prazer e o desconforto. O texto transita em teorizações dos filósofos Michel Foucault e Giles Deleuze, em especial àquelas que ampliam a narrativa às biopolíticas e à fabricação de subjetividades.

O artigo *A química no movimento Do It Yourself – uma estratégia de arregimentação de seguidores*, da pesquisadora **Fabiana Gomes** e do pesquisador **Moises Alves de Oliveira** (UEL), completa o trio de textos que discute o ciberespaço como espaço educativo. Nele, a doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina (UEL), faz relações entre o movimento Do It Yourself - ou “Faça você mesmo” – com os desejos de seguidores à experimentação química descrevendo um experimento do canal de entretenimento educativo Manual do Mundo. Segundo a autora, seus

vídeos conseguem mover a química a espaços caseiros, deslocando o sentido do laboratório como o único local de se fazer ciência.

O artigo *A espetacularização da infância nas mídias sociais* traz ferramentas para uma reflexão urgente e relevante às formas como bebês e crianças são superexpostos nas mídias sociais por seus pais, também influenciadores digitais, transformando a intimidade familiar em espetáculo. Os autores, **Kendra Rubio Alves**, especialista em direção de Arte – Multimídia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR); e **Alberto Carlos Augusto Klein**, doutor em Comunicação e Semiótica pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), discutem o assunto a partir de leituras sobre a sociedade do espetáculo, influenciadores digitais e o conceito de *sharetting*. Encerram o texto nos alertando que, dentre outros pontos, as consequências dessas práticas ainda são imprevisíveis e incertas.

Os efeitos do uso da internet pelo público infante-juvenil foi assunto abordado no texto *Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma visão a partir da era da internet* pelo doutor em Educação, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), **Márcio de Oliveira**. Nele, inicialmente o educador discute alguns conceitos relacionados à violência sexual contra crianças e adolescentes, abordando-os em documentos oficiais (nacionais e internacionais) que buscam proteger esse público de tal forma de violência. Essa discussão é importante para identificarmos como a violência sexual se propaga no campo virtual. A espetacularização e o exibicionismo do corpo são duas delas. Para o autor, cabe à família, à educação e às políticas públicas o cuidado e a proteção à nossas crianças e uma maneira de isso acontecer é preparando-as para o uso saudável da internet.

A invasão da cibercultura nos espaços educativos, sobretudo àqueles que se mantêm como tradicionais, modificou nossas relações com os modos de apreensão do conhecimento, com os modos de socialização e com os modos de pensar e agir. Esse tema foi inspiração para três manuscritos que compõem esse dossiê. Um deles inspirou os educadores **Lucas Men Benatti**, mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e **Teresa Kazuko**

Teruya, doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) à escrita do texto *Anacronismo e disjunções pedagógicas contemporâneas*, traçando linhas de encontro entre a pesquisa em educação, a(s) filosofia(s) da(s) diferença(s) e os estudos da cultura. Um convite a pensarmos em corpos vibráteis, corpos que, ao serem afetados, se abrem “para tudo aquilo que é assimilável pelos atravessamentos de experiência”.

O segundo texto que discute como os espaços virtuais estão sendo procurados como locais de formação continuada por professores e professoras sob diversas temáticas. Os pesquisadores, **Amanadabile Westpal Fadil, Milka Helena Carrilho Slavez e Reginaldo Peixoto**, ambos com formação em Pedagogia e ativos no programa de Educação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Paranaíba (UEMS), delineiam a discussão para a temática Gênero no artigo *A formação continuada de professores em gênero: contribuições da cibercultura*, afirmando ser, o ciberespaço, um meio possível para a democratização do conhecimento.

O livro conta ainda com a capa confeccionada especialmente para o Dossiê pelo artista plástico **Lucas Men Benatti** (UEM), com o intuito de modalizar reflexões desde a capa.

Esta apresentação é um convite, para movimentar o pensamento junto com tais textos. Convidamos a apreciarem.